

Do desvelamento à clareira: o desenvolvimento da noção de verdade em Heidegger

From the unveiling to the clearing: the development of the notion of truth in Heidegger

André Antônio Ribeiro

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

andreri09@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2324992517198794>

Resumo

O objetivo deste artigo é investigar o desenvolvimento da concepção de verdade em Heidegger. No texto *A doutrina de Platão sobre a verdade*, Heidegger procura demonstrar, na sua famosa exegese da Alegoria da Caverna, a transformação do conceito de verdade como desvelamento para a noção de verdade como correspondência do pensamento com a coisa, mudança que dá origem à forma de pensar que leva ao esquecimento do ser. A concepção de verdade como desvelamento, sofreu uma dura crítica de Ernest Tugendhat, à qual Heidegger responde não com um recuo, como poderia parecer à primeira vista, mas com uma radicalização da concepção de verdade: é necessário agora pensar a dimensão prévia que possibilita o desocultamento dos entes, isto é, a *alethéia* enquanto clareira.

Palavras-chave

Heidegger; Verdade; Tugendhat; Platão.

Abstract

The objective of this paper is to investigate the development of Heidegger's conception of truth. In his book *Plato's Doctrine on the Truth* Heidegger seeks to demonstrate, in his famous exegesis of the Allegory of the Cave, the change in the determination of the essence of the concept of truth as an unveiling to the notion of truth as correspondence, change that gives rise to the forgetfulness of being. The Heidegger's conception of truth as unveiling was criticized by Ernest Tugendhat. Heidegger responds not with a retreat, as might at first appear, but with a radicalization of conception of truth: it is necessary now to think the previous dimension that allows the unveiling of the beings - *alethéia* as clearing

Keywords

Truth; Tugendhat; Heidegger; Plato.

1. Introdução: verdade e o esquecimento do ser

Heidegger desenvolveu sua interpretação de Platão nos anos de Marburgo (1922-28), época em que o neokantismo dominava a filosofia alemã. Paul Nartop, na obra *Platos Ideenlehre*, faz uma leitura neokantiana de Platão na qual as Ideias são interpretadas como categorias transcendentais: elas seriam as condições de possibilidade do pensamento pelas quais as coisas se tornam inteligíveis. As Ideias seriam puros objetos do pensamento e não entidades ontológicas (como Aristóteles e os neo-platônicos as consideravam), de modo que Platão seria um idealista ou, pelo menos, um prenunciador do idealismo (Dostal, 1997, p. 63-65).

Para Heidegger, o problema do idealismo é que neste é o sujeito quem, mediante as categorias *a priori* do entendimento, determina as propriedades de um objeto e o seu modo de

ser. Isso significa que os seres não podem se manifestar em sua essência pura, mostrar-se a si mesmos tais como são, mas têm o seu ser pré-determinado e delimitado já de antemão pela subjetividade transcendental. Essa forma de pensar, por sua vez, leva necessariamente ao pensamento científico-tecnológico, no qual as coisas são objetificadas e têm um valor apenas utilitário. O pensamento científico, portanto, não é capaz de revelar o verdadeiro ser das coisas, mas, bem ao contrário, termina ocultando-o. Heidegger (1972, p. 25) quer superar o pensamento ocidental em seu aspecto técnico-científico que, como diz, “se estabeleceu como única medida da habitação do homem no mundo”.

2. Heidegger e a concepção de verdade em Platão: da correspondência ao desvelamento

No texto *A Doutrina de Platão sobre a Verdade*¹, Heidegger procura demonstrar que o esquecimento do verdadeiro ser das coisas produzido pela ciência e pelo pensamento moderno (Kant e Descartes) nada mais é do que o resultado necessário de uma forma de pensar metafísica cujos primeiros traços podemos encontrar já entre os gregos e, principalmente, em Platão. Mediante uma exegese da Alegoria da Caverna (*República*, 514-521), Heidegger mostra a ocorrência de uma mudança na determinação da essência do conceito de verdade: nesta passagem ocorreria a transformação da noção de verdade como desvelamento para a noção de verdade como correção ou correspondência do pensamento com a coisa.

Heidegger começa a sua interpretação do texto platônico traduzindo os termos gregos *eídōs* e *idéa* (Ideia) por “aspecto”. O aspecto de um ente não é a sua mera aparência tal como percebida de forma imediata pelos sentidos. O aspecto é aquilo pelo que o ente mesmo se mostra, é aquilo mediante o qual cada coisa se apresenta. É nesse automostrar-se no seu aspecto, ou seja, em sua Ideia, que o ente aparece e pode ser captado pelo intelecto (Heidegger, 2007, p. 3). Ou seja, assim como o olho vê os objetos sensíveis em sua aparência externa graças à luz do sol, o homem “vê” o ser à luz das Ideias. As Ideias “iluminam” o ser dos entes, tornam “visível” a sua essência (na terminologia de Heidegger: o entitativo do ente), e permitem que a alma a contemple. Como diz Heidegger (2007, p. 6): “Os aspectos dos quais as coisas mesmas são, ou seja, as *eídeē* (as Ideias), constituem a essência em cuja luz todo ente particular, este ou aquele, se mostra, em cujo mostrar-se o que aparece chega a ser recém desoculto e acessível”.

Sem o aspecto (as Ideias) das coisas o homem não poderia perceber isto ou aquilo como um ente determinado, como uma casa, uma árvore, etc. Portanto, as Ideias são o que torna possível e acessível o aparecer do que anteriormente estava oculto. Diz Heidegger (2007, p. 8): “o que a Ideia traz à visão e deste modo deixa ver é, para o olhar dirigido a ela, o desoculto daquilo que aparece pela Ideia”. Ora, para Heidegger, o permitir que venha à luz e se torne visível algo que inicialmente estava oculto, isto é, o desocultar do ser dos entes, é a própria essência da noção de verdade, tal com ele já havia demonstrado no famoso parágrafo 44 de *Ser e Tempo* (Heidegger, 2005). Nessa passagem, Heidegger afirma que a concepção tradicional de verdade baseia-se na premissa que a essência da verdade reside na concordância do juízo com o objeto – *adequatio intellectus et rei*, correspondência, *omoiosis*. Heidegger nota que, nesta definição (tradicional) da essência da verdade, fica suposto tacitamente e permanece não analisado justamente a noção de correspondência. O que é, então, a correspondência?

Para sabermos se uma proposição corresponde aos fatos, devemos verificá-la. Se alguém diz, por exemplo, “há um homem parado na porta”, quem ouve essa sentença deve se voltar para a porta em questão a fim de comprovar se de fato há um homem parado nela, confirmando assim que o estado de coisas ali é o mesmo que o estado de coisas representado na proposição. A frase

¹ Escrito por volta de 1931, publicado primeiramente em 1942 e, a seguir, em uma segunda edição (1947), junto com a *Carta sobre o Humanismo*.

“há um homem parado na porta” *representa* o estado de coisas de haver um homem parado na porta, e não outras proposições ou representações mentais.

Sendo assim, verificar se uma proposição é verdadeira é mostrar que um estado de coisas é tal como representado na proposição. Na proposição, o ente representado se mostra tal como é em si mesmo. A proposição então mostra o ente, descobre o que ele é. Heidegger (2005, p. 288) diz que uma proposição ser verdadeira significa que ela “descobre o ente em si mesmo, propõe, mostra, permite ver (*apofânsis*) o ente em seu estado de descoberto”. Dizer que uma proposição é verdadeira significa dizer que ela descobre, desvela o ser em si mesmo. Dessa forma, Heidegger mostra que a noção de verdade, tradicionalmente identificada com a correspondência, seja da coisa com o pensamento (sua representação), seja do pensamento com a coisa, é fundamentada pelo fato da proposição ter uma função *apofântica*: ela permite ver, mostra, desvela o ser em si mesmo. Como afirma Heidegger (2005, p. 287): “O ser verdadeiro do *lógos* como *apofasis* é o *aletheien*”. A *alethéia*, o desvelamento, portanto, é “o fundamento do fenômeno original da verdade” (Heidegger, 2005, p. 288).

Segundo Heidegger, a concepção de verdade foi “pressentida” pela filosofia antiga. Para os gregos, “o ser verdadeiro de um ente é o que permite ver um ente tirando-o do seu estado de oculto para um estado de não oculto (estado descoberto): a *alethéia*, o estado de desoculto, o que se mostra, os entes como eles são” (Heidegger, 2005, p. 291). Em Platão, como vimos acima, o desocultamento do ser dos entes se dá na (ou pela) Ideia.² Porém, o objetivo do texto *A Doutrina da Verdade em Platão* é mostrar que há, na concepção platônica da verdade, na expressão de Heidegger (2007, p. 10), uma “necessária ambiguidade”. Essa ambiguidade está expressa claramente na seguinte frase da alegoria da caverna: “[1] a Ideia do bem é a causa tanto de todo o belo quanto de tudo o que justo e [2] é a soberana que concede a desocultação como também a percepção” (*República*, 517b7-c5).

Para Heidegger (1980, p. 11), nessa frase há duas concepções de verdade: conforme [2] a Ideia do bem é a responsável pela desocultação mas, por [1] ela é concebida como sendo o que garante a correspondência entre a coisa e a proposição, a *causa* da correspondência e correção. Verdade, em Platão, é desocultação e correção, mas, ao final, a correção terá a primazia. Vejamos como Heidegger chega a esta conclusão. Na Alegoria da Caverna, a Ideia do bem (*agathón*) está acima das outras Ideias, é a Ideia suprema, a “Ideia das Ideias”. É ela que possibilita a existência das outras Ideias e, portanto, é ela que dá a essência às Ideias pelas quais o ser do ente se mostra. Qual é, pergunta então Heidegger (1980, p. 4), a essência da Ideia do bem? O que é isso que ela transmite às outras Ideias?

Heidegger afirma que, quando traduzimos, como se faz tradicionalmente, *agathón* por “bem”, no sentido de bem ou valor moral, perde-se justamente a essência que a Ideia de bem tinha para Platão. *Agathón* significa “servir para”, “ser apto para algo”. Por isso, “a essência de toda Ideia jaz já em um fazer possível e apto para o resplandecer que proporciona a visão do aspecto”. Daí que as Ideias simplesmente sejam o que faz apto a ser visto (Heidegger, 1980, p. 9). O apto é então “o mais visível no ente”, ou seja, quando contemplamos a Ideia do bem, vemos que ela é a causa do belo e de tudo que é correto e justo.

² Existe uma ambiguidade no texto de Heidegger, que não deixa claro se o desvelamento se dá **na** Ideia (é a Ideia) ou **pela**, **através** da Ideia. Não se trata, porém, de algum tipo de confusão ou falta de precisão linguística por parte de Heidegger, mas sim uma ambiguidade estrutural do próprio fenômeno da *alethéia*, tal como é explicado em outro texto heideggeriano sobre Platão: “*Alethéia* significa, por um lado, o puro e simples desvelamento de algo, mas também significa, ao mesmo tempo, [...] o desvelado em si, o ser desvelado. O uso correto de *alethéia* expressa nada mais do que os seres no seu Ser, seres à medida em que são propriamente desvelados” (Heidegger, 1997, p. 134). Trata-se de um curso que Heidegger deu sobre o *Sofista* de Platão, em 1925, na mesma época em que escrevia *Ser e Tempo*. Heidegger desenvolveu sua concepção de verdade como desvelamento (*alethéia*) a partir de seus estudos platônicos.

A alegoria da caverna ilustra a *paideia* platônica, o longo processo de educação necessário para que os prisioneiros se libertem das correntes que os prendem à visão de meras sombras refletidas na parede e acostumem-se com a visão do mundo real exterior à caverna, isto é, cheguem à contemplação da Ideia do bem. Este processo educativo consiste, não em inserir conhecimentos dentro de uma alma inicialmente vazia, mas sim em um processo de transformação da alma toda, que a leva a ver algo que antes estava oculto. O acesso às Ideias é um ver, a desocultação é posta *em relação* ao ver. Heidegger pergunta: que tipo de relação é esta entre o ver e o visto? O que faz com que o visto possa ser visto e o que vê possa ver? A resposta está na imagem que Platão usa para expressar esta relação. Em 518e, ele diz que o sol fornece a luminosidade que dá visibilidade às coisas captadas pelo olho. Mas o olho só vê o que está iluminado porque ele é “semelhante” ao sol, isto é, há uma *correspondência* entre a essência do olho e a essência do sol (Heidegger, 1980, p. 8).

Portanto, para a visão das Ideias é necessário justamente o que a Ideia do bem proporciona: a aptidão para o “justo mirar”, a correção do olhar, o olhar na direção correta (na direção da Ideia do bem). Assim, há uma adequação do que percebe com o que é percebido, uma adequação da percepção à Ideia, uma congruência entre o conhecer e o conhecido. Dessa forma, Heidegger vê no texto de Platão um “processo tácito” pelo qual a Ideia (a correção do ver) passa a predominar sobre a *alethéia* e, conseqüentemente, a noção de verdade como correspondência passa a predominar sobre a noção de verdade como desocultamento. Diz Heidegger (1980, p. 10): “A essência da verdade como essência da desocultação não se desdobra desde a própria plenitude essencial, mas se desloca sobre a essência da Ideia”. Em Platão, temos, assim, uma mutação na essência da verdade: essa passa a ser a correção da percepção ou da proposição em relação ao que é percebido ou afirmado.

Heidegger não afirma que Platão teria abandonado a concepção de verdade como desocultação em favor da noção de verdade como correspondência, mas, sim, que ambas convivem no pensamento platônico. O problema, para Heidegger, é que há, em Platão, uma inversão de prioridades. Não é mais a *alethéia* que é o fenômeno originário e fundante da verdade, mas a correspondência (a Ideia que possibilita o olhar na direção correta) é que faz o desvelamento ser possível (Heidegger, 1980, p. 12).

3. A crítica de Ernest Tugendhat

A concepção heideggeriana de verdade como desvelamento sofreu uma dura crítica de Ernest Tugendhat (1997, p. 82-84), para quem Heidegger, ao equacionar verdade com desvelamento, termina por obscurecer a noção de verdade. Alguns autores defendem inclusive que, por causa da crítica de Tugendhat, Heidegger teria se “retratado” e abandonado a noção de verdade como desvelamento e, conseqüentemente, abandonado também a tese de que houve a transformação na essência da verdade como desvelamento para correspondência em Platão (Dostal, 1997, p. 61; Apel, s/d, p. 140-42). Vejamos, primeiramente, a crítica de Tugendhat à concepção de verdade de Heidegger.

Tugendhat argumenta que, em *Ser e Tempo*, Heidegger apresenta três formulações diferentes de sua noção de verdade, nas quais passaria da afirmação inicial de que uma proposição é verdadeira quando ela desoculta os entes *tais como eles são em si mesmos* para a afirmação de que uma proposição é verdadeira se desoculta os entes, *simpliciter*. Segundo Tugendhat, a primeira formulação heideggeriana diz que uma afirmação é verdadeira quando desoculta um estado de coisas tal como ele é em si mesmo. O desocultar da coisa “como em si mesma” é essencial para a concepção de verdade, pois a correspondência com a coisa é desocultada pela proposição justamente por apresentá-la “tal como é em si mesma”. Em uma segunda formulação da noção de verdade, o qualificativo “como” é omitido. Diz Heidegger

(2005, p. 286): “que uma asserção seja verdadeira significa: que ela desoculta o estado de coisas”. Tugendhat ainda considera essa formulação legítima, pois corresponderia à noção de fenomenológica de verdade desenvolvida por Husserl, e defende que o qualificativo “como” está implícito nessa segunda formulação heideggeriana. Mas, em uma terceira formulação, Heidegger (2005, p. 286) simplificaria ainda mais a expressão do conceito de verdade: até mesmo a clausula “em si mesmo” é omitida sem justificação: “a veracidade (verdade) da afirmação deve ser entendida como seu desocultamento”. E, a partir desse trecho, Heidegger passa a usar apenas essa formulação. Para Tugendhat (1997, p. 86), com esse movimento Heidegger avançaria além de Husserl, criando uma concepção de verdade original: “Heidegger é talvez o único filósofo de nosso tempo que tentou avançar a tradição clássica da filosofia ontológico-transcendental de forma produtiva”. No entanto, essa concepção é passível de crítica pelos seguintes motivos.

Se, seguindo a tradição, consideramos uma proposição como algo que *representa* um estado de coisas, então, para ela ser considerada verdadeira, ela deve representar adequadamente, corretamente o seu referente, ou seja: representar o objeto tal como ele é. Ora, uma representação pode, obviamente, ser falsa. Uma proposição pode representar um objeto de uma maneira incorreta, de tal forma que não há uma relação de adequação entre a proposição e a coisa representada pela proposição. É por isso que Tugendhat destaca o fato do qualificativo “tal como ela é” ser tão essencial para a noção de verdade como *adequatio*. Diz Tugendhat (1997, p. 84):

Uma afirmação é verdadeira se e somente se corresponde (representa adequadamente) a entidade em questão, mas porque a maneira pela qual isso significa a entidade também pode ser falsa, a pessoa, portanto, é sempre obrigada a dizer: é verdade se e somente se significa a entidade tal como ela é.

A concepção de verdade de Heidegger, como vimos, não é representacional, mas apofântica. Por isso, Tugendhat defende que Heidegger está correto ao dispensar a qualificação “*tais como eles são*” porque, seguindo Aristóteles, ele considera que a essência da proposição reside em seu caráter apofântico: toda proposição tem como função essencial a de, ao apontar para algo, mostrar, revelar ou seja, descobrir, desocultar os entes aos quais se referem – enquanto ela própria fica “invisível” no processo.

O problema para o qual Tugendhat aponta no equacionamento heideggeriano de verdade com desocultamento é que, se toda proposição tem o caráter apofântico de desvelamento, então toda e qualquer proposição seria verdadeira. A consequência dessa tese é que uma proposição falsa não revelaria a coisa, mas, pelo contrário, a ocultaria ou encobriria. Portanto, se é da essência de uma afirmação seu caráter apofântico, isto é, iluminar os entes aos quais se referende e assim desvelar a verdade, fica por explicar como uma proposição pode ser falsa (Tugendhat, 1997, p. 84).

Heidegger (2005, p. 290-291) diz que, na afirmação falsa, o ente “não se vela por completo” e que “de certo modo o ente já foi descoberto só que ainda se deturpa”. É nesse ponto que Tugendhat afirma que essa noção acaba por obscurecer a noção de verdade. Ela significa que na falsa afirmação, o ente está parcialmente desvelado e, ao mesmo tempo, parcialmente encoberto? Nesse caso, toda falsa afirmação teria uma parte de verdade. Mas como a mesma proposição revelaria o ente tal como ele é e, simultaneamente, o encobriria, ou seja, o desvelaria da maneira que ele não é? Em que sentido, de que forma uma proposição revelaria e ocultaria algo? Como saber qual parte oculta e qual revela? “Mas então não há absolutamente nenhuma possibilidade de determinar o sentido específico da falsidade e, portanto, também da verdade” (Tugendhat, 1997, p. 85). Então como, neste caso, poderíamos falar em verdade e falsidade?

Tugendhat acredita que a resposta de Heidegger que uma proposição falsa em parte desoculta e em parte oculta o ser é muito vaga e insatisfatória, pois ele nunca teria explicado com mais detalhes como entender essa mistura de verdade e falsidade em uma mesma proposição. Para Tugendhat, uma teoria da verdade deve ser capaz de mostrar como é possível distinguir entre o modo como algo *apresenta* a si mesmo e o modo como ele *é* em si mesmo. O significado do conceito “verdade” exige que algo seja identificado precisamente como é em si mesmo. Tugendhat não nega que o fato de uma proposição mostrar ou desvelar algo seja uma condição necessária para explicar a noção de verdade: o que ele afirma é que não é uma condição suficiente (pois tal desvelar poderia apresentar o ente falsamente). Uma proposição não deve apenas que dizer que algo é, desvelando-o, mas dizer também *como* é. No desvelamento heideggeriano, porém, algo se apresenta a si mesmo, mas não necessariamente como é em si mesmo. A teoria da verdade de Heidegger não explicaria como algo se apresenta a um sujeito, mas no mero apresentar de algo. Na interpretação de Tugendhat, Heidegger deveria ter estabelecido uma diferença entre *alethéia* (o *modo* - verdadeiro - como algo se mostra) e a função apofântica (o mostrar algo) da proposição.

4. Heidegger: verdade como clareira

Teria Heidegger abandonado a sua concepção de verdade como desvelamento por causa das críticas de Tugendhat? De fato, no texto *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*, publicado apenas dois meses após o texto de Tugendhat³, Heidegger (1972, p. 35) afirma explicitamente que “a *alethéia*, o desvelamento [...] não pode ser identificada à verdade”; “a questão da *alethéia*, a questão do desvelamento como tal, não é a questão da verdade” (Heidegger, 1972, p. 36); “não devemos mais traduzir *alethéia* pela palavra corrente verdade” e que, portanto, “também não é sustentável a afirmativa de uma transformação essencial da verdade, isto é, a passagem [em Platão] do desvelamento para a retitude” (Heidegger, 1972, p. 35; 36). Apel vê, nessas passagens, nada menos que uma retratação de Heidegger em relação à sua teoria da verdade como desocultamento. Na leitura de Apel (s/d, p. 142), Heidegger estaria confirmando as críticas de Tugendhat (mesmo que não tenha tido conhecimento delas) e renunciando à tese que “o desocultamento do ente se produz em virtude da abertura do ser aí ou da iluminação do ser” seria o conceito de verdade mais originário e determinante. Tal renúncia ocorreria por Heidegger ter percebido, com a ajuda de Tugendhat ou não, que o desocultamento do ente é uma condição necessária, mas não suficiente, para a adequação. Mas, para entendermos o significado das afirmações de Heidegger e se ele renunciou ou não à concepção de verdade como *alethéia*, é necessário examiná-las em seu contexto.

Heidegger (1972, p. 20) declara que o objetivo do texto *O Fim da Filosofia* é submeter o ponto de partida da questão do Ser, tal como foi articulada em *Ser e Tempo*, a uma crítica imanente. Isso significa perguntar: o que não foi suficientemente pensado, o que ainda não está tematizado na questão do Ser?

Nessa e em qualquer outra questão, a filosofia sempre procurou respostas que sejam evidentes, algo que se automostra com uma certeza apodítica em sua necessidade e verdade. O critério de verdade na filosofia ocidental sempre foi a evidência. Porém, pergunta Heidegger, o que não foi pensado pela filosofia em relação à evidência? O que é que a possibilita?

A evidência é um mostrar-se daquilo que aparece, de algo que vem à claridade. Mas a claridade, por sua vez, só é possível em um espaço de abertura prévia. Heidegger chama este espaço, esta abertura prévia de “clareira”. É a clareira que possibilita o apresentar-se ou o

³ Tugendhat proferiu a sua conferência sobre a verdade em Heidegger em fevereiro de 1964, em Heidelberg. *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento* foi publicada em abril de 1964 (Apel, s/d, p. 140).

mostrar-se da evidência em sua luminosidade (Heidegger, 1972, p. 30). A luz pode incidir em um espaço aberto; ela, porém, não cria este espaço aberto. Diz Heidegger (1972, p. 32): “O raio de luz não produz primeiramente a clareira, a abertura, apenas percorre-a. [Ele] só pode brilhar se a abertura já é garantida”. A abertura, isto é, a clareira, é a dimensão prévia que possibilita o aparecer, o desocultamento dos entes.

Portanto, se em *Ser e Tempo* Heidegger tematizava “a condição de possibilidade” da verdade entendida como correspondência, e encontrava esse fundamento na noção de verdade como desvelamento (*alethéia*), no texto *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento* é investigada “a condição de possibilidade” do próprio desvelamento, condição que é dada pela abertura da clareira.

Tal concepção já estava anunciada em *Sobre a essência da verdade*, de 1930, em que Heidegger mostra como o desvelamento é o fundamento que possibilita a noção de verdade. Um enunciado é verdadeiro quando aquilo que ele diz está em conformidade com a coisa que enuncia. Verdadeiro significa concordar, seja a concordância do enunciado com a coisa, seja a concordância da coisa com o que se enuncia sobre ela (Heidegger, 1995, p. 19). Mas como um enunciado pode concordar, ser semelhante a uma coisa? A resposta é que o enunciado *representa* a coisa. O representar significa deixar a coisa mostrar-se como objeto. Ora, o que se mostra tem que atravessar um ambiente aberto ao encontro enquanto permanece em si como coisa. É o aparecer da coisa em um vir ao encontro em um âmbito aberto. Essa abertura deve ser prévia ao representar para possibilitá-lo, não criada por ele. Diz Heidegger (1995, p. 29) que o aberto é o domínio no interior do qual o ente pode pôr a si mesmo e ser dito naquilo que é enquanto é. Heidegger (1995, p. 37) afirma que esta concepção de verdade era uma concepção propriamente grega:

O pensamento ocidental, no seu início, compreendeu este aberto como *ta alethéia*, o não velado [...]. O entregar-se ao desvelamento do ente não se perde nele, mas desdobra-se um passo atrás em relação ao ente para que ele se abra naquilo que é e tal como é, para que a semelhança representativa receba dele a sua reta medida.

É nesse contexto que fica claro que a afirmação de Heidegger que a *alethéia* não é verdade não é uma “retratação” ou um recuo em deferência às críticas de Tugendhat, mas adquire um significado muito mais fundamental: *alethéia*, aqui entendida como clareira, não é o mesmo que o fenômeno da verdade, mas sim o âmbito sem o qual a verdade não seria possível e no qual ela se dá. Nas palavras de Heidegger (1995, p. 35):

Na medida em que se compreende verdade no sentido ‘natural’ da tradição como a concordância, posta à luz ao nível do ente, do conhecimento como ente; mas também, na medida em que a verdade é interpretada a partir do ser como a certeza do saber a respeito do ser, a *alethéia*, o desvelamento como clareira, não pode ser identificada à verdade. Pois a verdade mesma, assim como ser e pensar, somente pode ser o que é no elemento da clareira. Evidência, certeza de qualquer grau, qualquer espécie de verificação da *veritas*, movem-se já com esta no âmbito da clareira que impera.

Heidegger responde as críticas de Tugendhat com uma *radicalização* da tematização iniciada em *Ser e Tempo*. A *alethéia* não é verdade porque verdade é sempre uma relação de adequação ou correspondência entre uma proposição ou uma representação mental e um objeto. Tal relação pode ser determinada seja pelo sujeito (idealismo), seja pelo objeto (realismo). Heidegger não nega que essa concepção de verdade tenha certa razão de ser, mas a considera uma noção derivada e superficial. O que Heidegger busca é uma experiência mais fundamental: *o fenômeno originário que permite que haja algo como a verdade*. Como experiência mais fundamental,

a *alethéia* não pode receber nenhuma determinação ulterior nem ser posta em nenhum tipo de relação com qualquer coisa, pois ela é a pura abertura na qual se dá a experiência humana da verdade. Não é possível, portanto, afirma Heidegger (1995, p. 37), dizer o que a *alethéia* enquanto clareira é: podemos apenas nos referir ao que ela possibilita, ao fato de que, sem ela, a verdade não seria possível.

Para exemplificar esse ponto, Heidegger retorna a Platão para mostrar que as Ideias são as aparências nas quais o ente se mostra enquanto tal. As Ideias iluminam o ser dos entes, como já vimos, mas, diz Heidegger (1995, p. 33), “não há luz alguma, nem claridade, sem clareira”. Portanto, mesmo as Ideias não são ainda o fenômeno que possibilita o resplandecer dos entes, a verdade, mas elas próprias apenas se revelam graças ao prévio aspecto aberto da clareira. Desse modo, o tratamento platônico da noção de verdade não é ainda totalmente adequado, pois a clareira, que possibilita as Ideias e o resplendor do ser, não foi tematizada por Platão. Assim, a *alethéia*-clareira é o que permanece ainda impensado e, como tal, fica como a tarefa para a filosofia.

Referências

- APEL, K-O. *Semiótica transcendental y filosofía primeira*. Madrid: Editorial Síntesis, s/d.
- DAHLSTROM, D. O. *Heidegger's concept of truth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DOSTAL, R. J. Beyond being: Heidegger's Plato. In: MACANN, C. (Ed.) *Martin Heidegger: critical assessments of leading philosophers*. London e New York: Routledge, 1997, vol. II.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2005. vol. 1.
- _____. La doctrina de Platón acerca de la verdad. *Eikasia*, Revista de Filosofía, v. 12, extraordinario I, 2007.
- _____. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972.
- _____. *Sobre a essência da verdade*. Porto: Porto Editora, 1995.
- MACANN, C. (Ed.) *Martin Heidegger: critical assessments of leading philosophers*. London; New York: Routledge, 1997.
- TUGENTHAT, E. Heidegger's idea of truth. In: Macann, C. (ed.) *Martin Heidegger: critical assessments of leading philosophers*. London; New York: Routledge, 1997. vol. III.

Submissão (1ª versão): 13-03-2018

Aceito para publicação: 23-07-2018